

Exílio

DANIELA PAOLIELLO

E x í l i o























































Vulto, densidade ágil, improvável aparição, o corpo atravessa a paisagem agenciando-se a outros corpos. Sua presença é sustentada na medida em que se afirma *em movimento*, pois há o impulso em engajar-se na diversidade material que constitui a paisagem, em provocar hibridizações efêmeras entre pele e terra, corpo e solo, carne e água, mulher e árvore. Espectro ou identidade rasurada, a figura humana afirma mais que sua presença, a sua *passagem*. Quando o corpo está fora de cena aparecem vestígios de que ali esteve ou elementos que complexificam essa floresta de aparições e intrincamentos. O olhar da fotógrafa coleta elementos da paisagem ao mesmo tempo em que se oferece para sua câmera, provocando uma indiferenciação entre sujeito e objeto da fotografia. O corpo da artista ensaia a si próprio em suas lentes e a paisagem é esse campo onde explora as tentativas de seu corpo e seu engajamento nas tentações da floresta. Por vezes parece que se deixa capturar por alguma armadilha ou que oferece seu corpo aos muitos apetites que

a rondam. Ainda que a dissolução iminente pareça ser o risco que corre, seu corpo se deixa capturar pois atua em uma economia na qual perder – o fôlego, a segurança, o controle – é condição para ganhar a possibilidade da invenção.

Existe em *Exílio* uma intensidade coreográfica, uma dinâmica de tensões, encontros e desaparecimentos que, distante de uma instauração narrativa, provoca uma exaltação do movimento intempestivo e de aparições súbitas. Warburg foi um autor muito interessado nas imagens femininas moventes. O autor se intrigou com a recorrência da representação do feminino sob a ação de uma causa externa, como o vento e as ondulações da água, reconheceu nessa forma uma potência atemporal que denominou ninfa. Didi-Huberman resume: *A Ninfa (...) é a heroína do encontro movente/comovente: uma “causa externa” suscita um “movimento efêmero” nas bordas do corpo, mas um movimento tão organicamente soberano, tão necessário e destinal quanto transitório.*

A Ninfa encarna-se na mulher-vento(...) (2013, p. 220). Nas imagens de *Exílio*, o corpo feminino sustenta essa potência nínfica de se afirmar enquanto dissolução de si. Se o ápice da Ninfa é o seu rastro, a revelação do corpo da artista em *Exílio* é sempre a própria possibilidade de se obscurecer e se misturar no meio onde incursiona. Em seu texto *Ninfas*, Giorgio Agamben recupera a noção que Paracelso, o alquimista medieval, possuía acerca dessas figuras míticas. Para o ocultista, as Ninfas eram espíritos elementais relacionados à água. Possuíam forma de mulher, mas eram desprovidas de alma: nem animais, nem humanas. Isso seria possível porque, segundo Paracelso, haveria uma *dupla carne*: uma que viria de Adão, a humana, e uma não adâmica, mais sutil e espiritual, a que formava os elementais. Às Ninfas, dizia ainda, haveria a chance de adquirirem uma alma humana no caso de fazerem amor com um homem. Agamben conclui que, sendo um duplo da humanidade e agindo conforme as leis do desejo, a relação entre homens e ninfas é a história da difícil relação entre o homem e suas imagens. Se para

Warburg a Ninfa é o paradigma da afirmação do feminino movente, para Agamben a Ninfa é a própria imagem, isso que se move pela lei desmedida do desejo.

Nas imagens de *Exílio*, o exílio que parece estar em questão é o da artista em relação a si própria. Praticando o que identifica como auto-performance, Daniela Paoliello não produz afirmativas de uma subjetividade estabelecida *a priori*, parece, pelo contrário, criar práticas do abalo de si para se inventar enquanto se apresenta. A floresta, com suas materialidades, seus focos de luz e de obscuridade, é o local onde o *eu* se dissolve e se modifica, criando relações desejanças com outros corpos. Isso que cria diferença a partir do desejo pode ser chamado de magia ou de devir. Em *Deleuze e la Brujería*, Matt Lee afirma que o devir começa como um desejo de escapar à limitação do próprio corpo, mas alerta para o fato de que *devir nunca é imitar*, é justamente fazer vacilar o eu pela afirmação das intensidades de uma vida pré-individual. O mais próprio de um ser – o desejo – é aquilo que guardaria a

vocação de produzir o mais diverso. Em *Exílio* parece ser esse o uso que a artista faz de si: é com o próprio corpo que se exila das limitações do eu.

A Ninfa, como esse corpo acometido pelas ondulações atmosféricas, articula as forças externas à sua própria ação desejante, dando-se a ver como potência movente e *ponto de encontro entre o fora e o dentro*. Daniela Paoliello se engaja em uma estratégia semelhante quando cria essa dupla carne, imagética e espectral de si própria, afirmando-se a um só tempo desejante (o meio a tenta e a faz tentar) e volátil (os gestos de passagem constituem sua coreografia). Existe nas imagens de *Exílio* um teor de luta. O corpo sustenta a respiração embaixo da água, se move com rapidez, se contorce, tenta caber entre os galhos. Não há comunhão com o meio, um possível retorno à natureza edêmica, há antes a impermanência de si e de todas as coisas como possibilidade do exilar-se de suas estruturas fundadoras e apresentar a si própria como lampejante matéria de sua invenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Ninfas*. São Paulo: Hedra, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A Imagem Sobrevivente: História da arte e do tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

FISCHER, Mark; LEE, Matt. *Deleuze y la brujería*. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2009.

E x í l i o

CONCEITO E IMAGENS

Daniela Paoliello

TEXTO

Priscilla Menezes de Faria

EDIÇÃO

Daniela Paoliello

Clarice Lacerda

Luísa Rabello

PROJETO GRÁFICO

Clarice Lacerda

Luísa Rabello

ISBN: 978-85-918969-0-5

Projeto contemplado pelo XIII Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia.

Distribuição Gratuita | Venda Proibida

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Este livro foi composto nas fontes Zapf Humanist, Arno Pro e Univers. Capa impressa em hot stamping sobre Cartão Horlle nº 60 preto e empastada sobre Color Plus 180g/m². Miolo impresso em papel Eurobulk 150g/m². Impressão e acabamento da 1ª edição, de 800 exemplares, realizados pela Ipsis Gráfica e Editora, no mês de abril de 2015 em São Paulo.

